

Índice

Paula Morão Cristina Pimentel, Prefácio.....	9
Maria Helena da Rocha Pereira. Em volta do “milagre grego”.....	11
Rafael J. Galle Cejudo, Reminiscências literárias clássicas en la lírica profana medieval galato-portuguesa.....	23
Ana Paula Pinto, Ecos Míticos em Gil Vicente.....	35
Ana Lóio, Leitores portugueses de Estácio: um incubúculo na BN (INC 478).....	55
Elisa Nunes Esteves, Os clássicos na obra de Anrique da Mota.....	65
Maria Luísa de Oliveira Resende, Samuel Usque e a Herança Clássica.....	75
Ana Maria S. Tarrío, O Poeta e a Loucura: dois poetas manuelinos sob o signo de Saturno.....	85
Gongalo Cordeliro, Poesia com mundo: O escudo de Aquiles na <i>Iliada</i> e a <i>machina mundi</i> em <i>Os Lusíadas</i>	99
Pamínia Fernández Camacho, Ecos de la Atlántida en la Isla de los Amores de Camões: Un motivo nacionalista del Renacimiento.....	109
Luis M. G. Cerqueira, Anchieta e Camões, épica latina e venácula no séc. XVI.....	117
Rita Marmoto, Sobre o lirismo português do século XVI e a retórica.....	129
Silvina Pereira, <i>Davo sou e nam Edipo</i> — A biblioteca teatral de Jorge Ferreira de Vasconcelos.....	141
Madalena Brito, A tradição aristotélico-tomista da escrivatura nos escritos de Manuel da Nóbrega.....	157
Barolomé Pozuelo Calero, Transmutando la historia contemporánea en epopeya virgiliana: <i>La Felicísima victoria</i> de Jerónimo de Corte Real.....	169
Juan Carlos Jiménez del Castillo, <i>La Felicísima Victoria</i> de Jerónimo de Corte Real y la <i>Austríaca sine Naimirachia</i> de Francisco de Petrosá: dos cantos épicos al reinado de Felipe II.....	179
Rui Carlos Fonseca, Da queda de Tróia à fundação do Lisboa ou de como Gabriel Pereira de Castro empurra “caulir de Ulisses, imitando a Homero”.....	187

Matrizes Clássicas da Literatura Portuguesa:

uma (re)visão da literatura portuguesa das origens à contemporaneidade

coordenação científica:

Paula Morão e Cristina Pimentel

coordenação de edição: Hordácio Carvalho Guerra

revisão: Ricardo Nobre e Rui Carlos Fonseca

direção gráfica: Rui A. Pereira

ilustração da capa: Paulo Jorge Pereira

paginação: Manuel Rocha

coleção: documentos

impressão: MULTITIP0 – Artes Gráficas Lda

primeira edição: Lisboa, Dezembro 2014

ISBN: 978-989-8465-24-5

depósito legal: 401 561/15

todos os direitos reservados

© **Campo da Comunicação, 2014**

Av. de Berna, 11, 3.º

1050-036 Lisboa

tel.: 21 761 32 10

fax: 21 761 32 19

e-mail: c.comunicacao@netcabo.pt

facebook: Editora Campo da Comunicação

Todos os textos recolhidos neste volume foram submetidos a arbitragem científica

Helena Costa Toipa, Presença de Ovídio na poesia de António Dinis da Cruz e Silva	201
Sérgio Nazar David, Garrett e os livros: a presença dos clássicos na Biblioteca do Conservatório Real de Lisboa	213
Otília Paiva Monteiro, <i>Da História Filosófica do Teatro Português à Memória ao Conservatório sobre Frei Luís de Sousa</i> : a fecundidade do hímus clássico em Garrett	225
Francisco Garcia Jurado, <i>Eça de Queiroz y Alma-Tadema</i> : las rosas de Heliogábalo	247
Serafina Martins, Ulisses, um herói no seu tempo – Sobre “A Perfeição”, de Eça de Queiroz	257
João Pedro Cambado, De Ovígia a Íliaca: Homero e Eça de Queiroz contra a satisfação	269
Maria do Céu Estibeira, A visão dos clássicos em Fernando Pessoa	279
Francisco Saraiva Fino, Fernando Pessoa e Juliano Apóstata, ou o Paganismo Reinventado	291
Pedro Braga Falção, A Prosa de Ricardo Reis: Uma Religiosidade Pagã ou um Culto Fingido?	301
Helena Carvalho Buescu, Choques Modernos do Pastori: Cesário em Reis em Saramago	313
Patrícia Soares Martins, Dias Versões de Pastoral: Caetano e Carlos de Oliveira	327
Marta Varugas, <i>Um demónio dos lugares sagrados</i> : a Grécia de Ruben A.	337
Rui Sousa, <i>Alguns exemplos de cruzamento e reavistação de mitos na obra de Natália Correia</i>	351
Maria José Ferreira Lopes, <i>Filhaixada a Calígula</i> , de Agustina Bessa Luís: uma reflexão sobre o presente à luz dos clássicos	363
Catarina F. Rocha, À espera de Marcelo: Mito e Tragédia em <i>O Irmão</i> de David Mourão-Ferreira	379
Marco André Fernandes da Silva, A presença clássica no contexto dos <i>Poemas mudados para portugueses</i> de Herberto Helder	389
Cláudia Capela Ferreira, Torga clássico: dos mitos ao Kleos poético	397
“Nada perdura, e quero que me leias, Eternidade!”	397
Ramiro González Delgado, Mito y Literatura Griega en <i>O Corpo de Helena</i> de Paulo José Miranda	409
Mário Garcia, S.J., O labirinto na obra literária de Daniel Faria	419
Ana Isabel Correia Martins, O perfil estético do Senhor Calvino n.º <i>O Bairro</i> de Gonçalo M. Tavares	425
Helmiro Fernandes Prahalá, <i>O Labirinto da Luanda</i> ou a Utilidade dos Clássicos em <i>Rairoco Tropical</i>	430

Federico Bertolazzi, A pequena flauta da sombra. O classicismo de Sophia de Mello Breyner Andresen	455
Fernando J.B. Marinho, O mito do Minotauro em quatro poetas portugueses contemporâneos	477
Cristina Firmino Santos, Elegia e crise – Alguns exemplos da poesia contemporânea	487
Rita Figueira, O Trágico como Possibilidade n.º <i>O Estado do Bosque</i> de Tolentino Mendonça	497
José Manuel Ventura, Etimologias mitológicas ovidianas na poesia de Vasco Graça Moura	507
José Cândido de Oliveira Martins, Humor e reescrita paródica da mitologia na poética de Vasco Graça Moura	519
Testemunhos	533
Ana Soares e Bárbara Wong	533
Hélia Correia	539
Ivone Mendes da Silva	541
Jaime Rocha	545
Nuno Júdice	549

Elegia e crise

– Alguns exemplos da poesia contemporânea

Cristina Firmino Santos *

Neste ensaio pretendo, num primeiro momento, evocar aspectos definidores da elegia clássica, género poético dos mais frutuosos e duradouros na cultura ocidental, para, em seguida, me deter na interpretação de dois poemas de poetas portugueses contemporâneos – Ruy Belo e Rui Knopfli, elegistas de excepção. Os exemplos literários propiciam uma reflexão sobre alguns trilhos da elegia na contemporaneidade.

Começo com a história de Simónides de Ceos, tal como Cícero a narra em *De Oratore* (2.86.352-4), por me parecer reveladora do vínculo, essencial na elegia histórica, aquela que aqui mais me interessará, entre poesia, crise e memória. Conta Cícero que Simónides fora contratado para cantar para os convidados na festa de um homem abastado; entretanto sobreveio uma calamidade – a queda do telhado da casa que vitimou e tornou irreconhecíveis os convidados e o anfitrião – e o poeta, único sobrevivente, foi solicitado a reconstituir, fazendo apelo à memória e à linguagem, as pessoas e os respectivos lugares ocupados antes da devastação. Com efeito, a noção do poeta como testemunha do seu tempo e aquele que procura na escrita uma “arte da memória” face ao já perdido, ainda que de modo contingente e imperfeito, aproxima-nos da origem da elegia e faz-nos pensar no ónus que sobre o poeta elegista recai: é a partir da experiência de crise que se torna prioritário convocar a memória traumática do passado até para sentir e pensar a dimensão do desastre.

* Universidade de Évora | santos.cj@gmail.com

- Knopflit, Rui (2003). *Obra Poética*. Lisboa: Imprensa Nacional/Casa da Moeda.
- Lage, Rui (2010). *A Elegia Portuguesa nos séculos XX e XXI*. *Viada, Lilo e Dismirgana*. Porto: Faculdade de Letras.
- Mendes, Luís Filipe Castro (1999). *Poesia Reunida (1985-1999)*. Lisboa: Quetzal Faltoros.
- Miranda, Sá de (1984). *Poesia de Sá de Miranda*. org. e notas de Alexandre Garcia. Lisboa: Editorial Comunicação.
- Plau, Thomas (2010). "Mourning Modernity". In *The Oxford Handbook of the Elegy*, ed. Karen Welsman, Oxford: Oxford University Press, pp. 546-564.
- Ramazani, Jahan (1994). *Poetry of Mourning*. Chicago: University of Chicago Press.
- Siscar, Marcos (2008). *Poesia e Crise*. Campinas: Editora Unicamp.
- Silva, Maria de Fátima (2010). "As Origens da Elegia". *Relâmpago-Revista de Poesia*, n.º 27, pp. 123-138.
- Teixeira, Paulo (1997). *Inventário e Despedida*. Lisboa: Caminho.
- Silva, Vítor Aguiar e (2008). "A Elegia na Lírica de Camões". *A Lira Dourada e a Tuba Canora*. Lisboa: Cotovia, pp. 165-181.

O Trágico como Possibilidade n' O Estado do Bosque de Tolentino Mendonça

Rita Figueira*

O Estado do Bosque é uma peça de teatro com uma estrutura simples, dividida em sete cenas *mimesis*¹ dialogadas, em que se problematiza a questão do ser, com a finalidade de motivar o encontro do homem com a sua cruz e chaminé.

Se somente uma palavra fosse permitida para dizer o fundamento d' *O Estado do Bosque*, seria certamente o verbo que diz a insustentável leveza da possibilidade: *é-lui*, *ser*. Pois, como ensinou Aristóteles², *ser* diz-se de muitas maneiras. Os sete diálogos são independentes, mas constituem, na sua inter-relação, uma viagem espiritual onde se reflecte uma ausência que se deseja tornar em presença, como sugerem os títulos: *Diálogo da Orla*, *Diálogo da Casa*, *Diálogo do Poço*, *Diálogo do Limiar*, *Diálogo da Clareira*, *Diálogo do Sonho*, *Diálogo do Bosque*.

Neste percurso de aprendizagem participam cinco personagens. Três homens: John Wolf, o guia cego do bosque; Peter Weil, um homem de meia-idade; e Jacob, um jovem (os dois últimos caminharantes). As outras personagens são duas mulheres: a jovem etíloga Viviane Mats e o Destino. Nas expressões desta viagem interior, desenham-se os contornos de uma cosmovisão contemporânea em que se reconhecem múltiplas alusões culturais provenientes de diversas áreas do conhecimento.

* Universidade de Lisboa. Centro de Estudos Clássicos | rritafarros@gmail.com

¹ Cf. Vernant e Naquet (1999: 216).

² Cf. Aristóteles (1960: 1003b, 5).